

Revista  
Latino-americana de

# Geografia e Gênero

Volume 13, número 1 (2022)  
ISSN: 2177-2886

Artigo

## **Slam Quilombo de Dandara de Presidente Prudente - SP: Um Território Insurgente e suas Práticas Educativas**

*Slam Quilombo de Dandara en Presidente Prudente -  
SP: Un Territorio Insurgente y sus Prácticas Educativas*

*Slam Quilombo de Dandara in Presidente Prudente -  
SP: An Insurgent Territory and its Educational  
Practices*

**Nécio Turra Neto**

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Filho—Campus de Presidente Prudente - Brasil  
necio.turra@unesp.br

**Maria Celina Pedroso Alves**

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Filho—Campus de Presidente Prudente - Brasil  
maria.celina@unesp.br

Como citar este artigo:

TURRA NETO, Nécio; ALVES, Maria Celina  
Pedroso. Slam Quilombo de Dandara de Presidente  
Prudente - SP: Um Território Insurgente e suas  
Práticas Educativas. **Revista Latino Americana de  
Geografia e Gênero**, v. 13, n. 1, p. 195-222, 2022.  
ISSN 2177-2886.

Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

# **Slam Quilombo de Dandara de Presidente Prudente - SP: Um Território Insurgente e suas Práticas Educativas**

*Slam Quilombo de Dandara en Presidente Prudente - SP: Un Territorio Insurgente y sus Prácticas Educativas*

*Slam Quilombo de Dandara in Presidente Prudente - SP: An Insurgent Territory and its Educational Practices*

## **Resumo**

O artigo traz resultados do estudo realizado sobre o Coletivo Quilombo de Dandara, de Presidente Prudente, que instituiu um espaço de Poesia Slam no centro da cidade. O objetivo foi compreender os processos educativos do Slam e as relações com os saberes escolares, bem como analisar sua espacialidade em relação aos processos mais amplos de produção do espaço urbano. Pelas entrevistas, acessamos as trajetórias de vida das integrantes do Coletivo, seus cruzamentos e entrelaçamentos, suas práticas espaciais e seu papel educativo. O Coletivo educa, ao discutir temas como racismo e sexismo, ao acolher múltiplas manifestações, ao dar a palavra aos que normalmente não têm voz e ao se conectar com outros contextos educativos que formam um circuito político e cultural alternativo na cidade. Por isso, é possível pensar o Coletivo Quilombo de Dandara como uma prática espacial insurgente.

Palavras-Chave: Culturas Juvenis. Coletivo Quilombo de Dandara. Educação. Presidente Prudente.

## **Resumen**

El artículo presenta los resultados del estudio realizado en el Colectivo Quilombo de Dandara (Coletivo Quilombo de Dandara), de la ciudad de Presidente Prudente, que estableció un espacio de Poesía Slam en el centro de la ciudad. El objetivo fue comprender los procesos educativos del Slam y las relaciones con el saber escolar, así como analizar su espacialidad en relación a los procesos más amplios de producción del espacio urbano. A través de las entrevistas accedimos a las trayectorias de vida de los integrantes del Colectivo, sus intersecciones y entrelazamientos, sus prácticas espaciales y su rol educativo. El Colectivo educa, al discutir temas como el racismo y el sexismo, al acoger múltiples manifestaciones, y cuando ofrece la palabra a quienes normalmente no tienen voz, de modo a conectarles con otros contextos educativos que forman un circuito político y cultural alternativo en la ciudad. Así, es posible pensar en el Colectivo Quilombo de Dandara como una práctica espacial insurgente.

Palabras-Clave: Culturas Juveniles. Colectivo Quilombo de Dandara/ Coletivo Quilombo de Dandara. Educación. Presidente Prudente.

## **Abstract**

This paper presents the results of the study carried out on the Quilombo de Dandara Collective (Coletivo Quilombo de Dandara), located in Presidente Prudente, which established a Slam Poetry space in the city center. The objective was to understand the Slam educational processes and their relationships with school knowledge, as well as analyze its spatiality in relation to the broader processes of urban space production. Through the interviews, we accessed the life trajectories of the Collective members, their intersections and intertwining,

**Nécio Turra Neto, Maria Celina Pedroso Alves**



their spatial practices, and their educational role. The Collective educates, by discussing topics such as racism and sexism, by welcoming multiple manifestations, by giving the floor to those who normally have no voice, and by connecting with other educational contexts that form an alternative political and cultural circuit in the city. Therefore, it is possible to think of the Quilombo of Dandara Collective as an insurgent spatial practice.

Keywords: Youth Cultures. Dandara Quilombo Collective/ Coletivo Quilombo de Dandara. Education. Presidente Prudente.

## **Introdução**

Vida Loka é quem estuda.  
(Sérgio Vaz)

Esta pesquisa<sup>1</sup> se faz na confluência entre dois projetos maiores: (i) o Projeto Temático Fapesp "Fragmentação Socioespacial e Urbanização Brasileira: Escalas, Vetores, Ritmos, Formas e Conteúdos" (Processo 2018/07701-8), que busca entender como a lógica socioespacial fragmentária muda o conteúdo das desigualdades e da diferenciação nas cidades, com impactos diretos sobre o direito à cidade. Nesse contexto, nossa pesquisa pretendeu contribuir com a interpretação da fragmentação socioespacial, a partir do estudo das práticas espaciais de jovens empobrecidos/as<sup>2</sup> de Presidente Prudente que participam, como público ou organizadores/as, do Slam Coletivo Quilombo de Dandara (CQD); e (ii) o Projeto "Juventudes e Múltiplas Territorialidades: diferenças socioculturais em contextos de cidades médias e metrópoles brasileiras" (Chamada MCTIC/CNPq Nº 28/2018), pelo qual pretendemos compreender os diálogos, tensões e conflitos entre saberes em circulação nos espaços informais de aprendizagem na cidade e aqueles aprendidos em espaços formais de educação<sup>3</sup>.

Dois foram os pressupostos iniciais que orientaram a proposição da pesquisa: a) a educação é um processo amplo, que não se restringe à escola, os jovens são sujeitos socioculturais que se formam em múltiplos contextos de interação social (DAYRELL, 1996); e b) a vida na cidade educa, ou seja, as formas como nos relacionamos com as cidades, nossas práticas espaciais, são relevantes para a constituição de nossas visões de mundo (BERNET, 1997).

1 Aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa da FCT/UNESP, parecer n. 3.699.092, CAAE: 23137319.4.0000.5402.

2 A princípio, estávamos usando o termo "jovens pobres". Mas, durante uma reunião com as integrantes do Coletivo Quilombo de Dandara, em 30 de março de 2021, na qual debatemos este texto, foi recomendado que mudássemos o termo, que além de soar pejorativo, retirava este sujeito do processo histórico pelo qual ele foi empobrecido e relegado às margens da cidade e da sociedade. A partir de então, trabalhamos com o termo "jovens empobrecidos/as" ainda que esta não seja a expressão utilizada por alguns dos autores/as citados. Nesta mesma reunião, todas as nossas entrevistadas preferiram ver seus nomes verdadeiros no texto, ao invés de indicações como Entrevistada 1, Entrevistada 2 e assim por diante.

3 Infelizmente, nossos objetivos não puderam ser plenamente atingidos, tendo em vista as limitações enfrentadas pela pesquisa, em contexto de pandemia de Covid-19. Inicialmente, a proposta era realizar pesquisa etnográfica junto ao coletivo, aplicar questionário ao público e, a partir daí, acessar as escolas a que o público nos remetesse. A pandemia limitou as ações unicamente às entrevistas com as organizadoras do Slam.

Nossa pesquisa buscou compreender como o Coletivo Quilombo de Dandara, formado predominantemente por jovens mulheres negras, na cidade de Presidente Prudente, promove espaços informais de aprendizagem, em que circulam informações que contribuem para a instituição de novas subjetividades, ao mesmo tempo em que negocia espaço no campo de possibilidades de uma cidade crescentemente desigual.

Acreditamos que tal movimento contribui para que os/as jovens do lugar elaborem uma outra inserção socioespacial, que tanto dá visibilidade e denuncia sua posição de margem, quanto procura superá-la. Nosso olhar compartilha com o Projeto Temático o foco numa certa “[...] ‘política de localização’ em atuação nas cidades que é, ao mesmo tempo, uma ação de situar à margem certos setores da sociedade e uma reação, a partir desta posição, de práticas espaciais que sejam contra-hegemônicas” (SPOSITO, 2018, p. 15).

Presidente Prudente, cidade média do interior paulista, como a maioria das cidades brasileiras do mesmo porte e posição na rede urbana, tem conhecido, nas últimas décadas, o aumento das desigualdades, com ampliação da segregação socioespacial. Se antes a segregação se expressava pelo local de moradia das diferentes classes de renda, atualmente ela está se desdobrando para várias outras dimensões da vida cotidiana, a ponto de autores como Sposito e Góes (2013) defenderem que vivemos uma tendência de fragmentação socioespacial, em que ricos e pobres nunca chegam a se encontrar em suas práticas cotidianas na cidade, pois não existem mais espaços de vida comum.

Para Mendes e Torres (2011), as/os jovens empobrecidas/os sofrem com restrições a sua apropriação da cidade, em função de sua classe social, do seu local de moradia e da sua própria condição etária. Como argumenta Carrano (2011, p. 18), “prestar atenção sobre a correlação entre imersão territorial e suas consequências para o processo de transição para a vida adulta pode contribuir para que o debate sobre os jovens e a juventude não se desenvolva somente tomando como medida a dimensão temporal”.

Nesse sentido, a dimensão espacial ganha relevância no estudo sobre juventudes, sociabilidade e ações coletivas na cidade. Para Turra Neto (2015), a experiência da condição juvenil passa pelo convívio entre jovens, o que precisa do encontro para acontecer e, portanto, a experiência juvenil demanda espaço. Muitos agrupamentos juvenis ganham visibilidade na cidade por conta destes encontros em que se constituem efetivamente enquanto grupo, compartilhando referências culturais e colocando em ação práticas espaciais comuns. Assim, as culturas juvenis instituem e demandam espacialidades diversas, estão em permanente processo de territorialização.

Quando tais formas de se apropriar da cidade, de constituir territórios e promover encontros e ações têm o propósito deliberado de causar interferência, afetar outros sujeitos e produzir transformações sociais, tais ações juvenis podem ser lidas como práticas espaciais de natureza insurgente, segundo a proposta de Souza (2013). Para este autor, toda prática espacial é uma prática social e toda prática social tem uma dimensão espacial. Mas há práticas sociais cuja dimensão espacial está presente de forma mais densa e complexa. Nesse sentido, e à revelia do autor em foco, poderíamos chamar tais práticas de

“práticas espaciais em sentido forte”, visto que a dimensão espacial atravessa tanto a identidade do grupo, quanto a sua forma de organização e ação. Trata-se de uma prática espacial insurgente porque vem de baixo, busca a autodeterminação, realiza-se em formato de autogestão, é relativamente independente do Estado e, no caso das culturas juvenis, também do mundo adulto.

Após as manifestações de junho de 2013 que abalaram o país, grupos juvenis ganharam grande visibilidade como novos atores políticos, à direita e à esquerda. Formaram-se coletivos de ativistas que despontaram, sobretudo no eixo Rio-São Paulo, fortemente ligados às redes sociais digitais e que causaram (e continuam causando, como uma trajetória ainda em andamento) interferências no espaço público (PERALVA *et al.*, 2017), tanto no debate mais amplo que, pelas próprias redes sociais ganharam a escala nacional e mesmo internacional, quanto no debate localizado, nas cidades em que se situaram e ganharam expressão nas praças, ruas, esquinas... Foi neste contexto que vimos os *Slams* de poesia ganharem força no país, a ponto de podermos inferir que existe uma relação entre estes eventos – ideia compartilhada por Alliblack<sup>4</sup>.

Freitas (2020) oferece mais algumas pistas nesse sentido, no seu estudo sobre o *Slam* Resistência, em São Paulo. Ele surgiu no ano de 2014, “[...] fruto das intervenções poéticas feitas nas ‘Quintas de Resistência’ – encontros que aconteciam na Praça Roosevelt, no centro de São Paulo, entre os Advogados Ativistas e os movimentos sociais para discutir a truculência da polícia durante as manifestações de 2013” (FREITAS, 2020, p. 3-4). No ano de 2017, a autora já contava mais de 40 *Slams*, só na cidade de São Paulo.

Foi também depois das manifestações de 2013 que identificamos, em cidades como Presidente Prudente, coletivos juvenis ocupando praças, inspirados em movimentos que estavam ocorrendo nos grandes centros urbanos. Salvi (2019), por exemplo, estudou a Batalha do Vale, em Presidente Prudente. Uma batalha de rimas, ligada ao movimento hip hop, organizada por um grupo de jovens das áreas periféricas empobrecidas que, desde 2015, todas as sextas-feiras à noite, ocupa uma praça ao lado do principal shopping da cidade.

Salvi (2019) identificou a ação educativa da Batalha do Vale, tanto em relação ao público que é atraído pelo movimento, quanto em relação aos próprios jovens que assumem o protagonismo, na organização e na própria disputa. Para o autor, estes mesmos jovens estabelecem tensas relações com a escola.

No ano de 2018, uma outra praça de Presidente Prudente passou a ser ocupada, uma vez ao mês, aos domingos no final de tarde, pelo *Slam* Quilombo de Dandara. Nas poesias que circulam no *Slam*, predominam os temas ligados à cultura negra, ao racismo, ao feminismo, bem como às histórias de vida e experiências de viver à margem. As músicas que marcam o início das apresentações, a decoração da praça, com cartazes, banners e faixas, as estéticas corporais das jovens e dos jovens, a animação dos encontros, tudo produz uma atmosfera que faz da praça, durante este curto período, um

4 Palestra proferida pelo *Google Meet*, na disciplina Geografia da África e Africanidades, do curso de Geografia da UNESP-Presidente Prudente, em 26 de janeiro de 2021.

território negro e periférico no centro da cidade, instituído intencionalmente para produzir uma outra consciência social.

No que se segue, vamos apresentar, primeiramente, as diversas trajetórias históricas, em suas múltiplas escalas, que se encontraram para fazer emergir, na cidade, o movimento de *Slam* e seus desdobramentos formativos de uma outra “consciência periférica” (D’ANDREA, 2020). Neste momento, privilegiaremos as falas das nossas entrevistadas. Na segunda parte, retomaremos o diálogo com o referencial teórico para fundamentar nossa leitura do CQD como uma prática espacial insurgente.

### **O Coletivo Quilombo de Dandara: A Instituição de um Espaço Educativo na Cidade**

Na ponta do abismo lá vai a mãe preta / Aguenta o infinito num corpo / que o grito socorro acusa suspeito / não chora nem fala das mortes diárias / pariu cinco vezes sem anestesia com falas no ouvido: / - preta é firme! / Teu corpo foi alvo da falta de amor / teu peito batuca a dor de um dos filhos que ontem dormiu / quando na escura da noite um corpo fardado mirou sem certeza / por causa da cor / Mas preto é forte, sempre ouvi falar... / Mãe preta resiste / desde que não sabia o que era existir / Mãe preta teve teus calos calejados pela falta de arrego / dos atrasos da história que traçaram teu destino / Mãe preta que pariu no reboiço / e trouxe com muito ofício / outra preta que não sorriu / filha de Preta! / Que com a vida já traçada / me desfiz de tanta tralha / com grito de cansaço / entalado na garganta / e os bicos de diarista / entalado na minha herança / vi o mundo cortar com a foice / minha passagem pela infância / os homens que me olhavam / revestidos de ganância / e pra eles não importa / se trata-se de uma criança / de hiperssexualizar o hobby da vizinhança / dedos te apontaram ontem / hoje o cano te aponta / amanhã outro julgamento / julgando que se aguenta / tua cabeça um reboiço / teu corpo cumpriu caprichos / tua mãe também passou por isso / e todas da tua família / tua avó bem que dizia: / - é uma praga feito sentença / eles dizem que a gente aguenta / mas vejo uma morte lenta / e pra cada abuso novo / um branco te orienta: / - negra é forte, negra aguenta / tua vida nunca passou disso / nunca fugiu da sentença / com a força dos ancestrais / internalizou que aguenta / imaginou o chicote lento / na vértebra de um branco / e viu que a força é um detalhe / pra quem vive resistência (Carol Dall Farra<sup>5</sup>).

O movimento de *Slam*, segundo o Documentário "SLAM – Voz de Levante"<sup>6</sup>, de 2016, começou no início dos anos de 1980, em Chicago, EUA, em um bar, com leitura de poesia, no esquema de microfone aberto. Havia um palco que poderia ser usado a qualquer momento, por qualquer um que

5 Texto transcrito do vídeo disponível em <<https://ocorrediarario.com/9-poesias-para-o-dia-internacional-da-mulher/>>. Acesso em: fev. 2021. Carol Dal Farra esteve em um dos eventos Poetizando na Web, promovido pelo CQD.

6 Para maiores informações, conferir: <<https://www.facebook.com/slamvozdelevante/>>. Acesso em: fev. 2021.

quisesse chegar ali e apresentar sua poesia. Contudo, as declamações não atraíam suficientemente a atenção da audiência, que continuava em ruidosa conversação. A princípio, também era algo considerado elitista e branco, com poucas pessoas participando. A ideia de criar uma competição de poesia foi justamente para cativar a concentração da audiência e produzir o silêncio necessário para que a palavra fosse a personagem principal.

Nos anos de 1990, essa proposta se encontrou com a cultura hip hop e é então que foi para a rua e também se difundiu para o mundo. Como afirmou Alliblack<sup>7</sup>, “o movimento *Slam* [...] começou dentro de um barzinho, era totalmente privado. Só que a partir do momento que ele encontra o movimento negro, o movimento hip-hop, ele sai desse privado e vai pra rua, porque aí ele conhece a periferia, ele sai da burguesia e vai pra rua...”. Esta mesma história é narrada também por Freitas (2020), para quem, diferente dos EUA, no Brasil, os *Slams* tendem a acontecer na rua e a darem centralidade a temas identitários, ligados à luta por direitos.

*Slam*, portanto, é uma competição de poesia, na qual há uma “política de portas abertas”: qualquer um pode se inscrever para competir, desde que tenha poesias para três rodadas, e qualquer um da plateia pode ser eleito para ser jurado. O *Slam*, assim, desinstitucionaliza a poesia, a coloca não só na rua, mas define como seu critério de elegibilidade o impacto da palavra performatizada *in ato*. Tudo isto faz com que o *Slam* tenha uma “atmosfera contracultural”, ao mesmo tempo em que faz vigorar uma ideia de construção coletiva. No *Slam*, não se realiza a louvação dos indivíduos e de suas virtuosidades, mas uma “celebração da comunidade” (FREITAS, 2020).

Hoje, o movimento de *Slam* acontece em várias cidades do mundo. Há campeonatos locais, regionais, nacionais e mesmo uma copa do mundo do *Slam*, que acontece em Paris (ainda segundo o documentário). É como desdobramento desta trajetória que um projeto de *Slam* chegou também a Presidente Prudente. A ideia viajou por redes sociais, como *Youtube*, *Facebook* e *Instagram*, ambientes virtuais em que muitas competições de *Slam* e coletivos têm seus canais e/ou páginas, o que permitiu que jovens do interior do estado também pudessem acessar a ideia e se sentirem impelidos a praticar a cultura do *Slam* na cidade. Este foi o caso de Alliblack, que é uma das principais fundadoras do CQD, como veremos mais adiante.

O Coletivo Quilombo de Dandara, segundo Alliblack (ver nota de rodapé 4), teve início em Presidente Prudente, no fim do ano de 2017, com um recital de poesia, e era formado por rapazes e moças predominantemente negros/as. Esta formação inicial em parte se dissolveu, e, por outro lado, novos nomes se agregaram ao projeto que hoje é formado, no seu núcleo central, por 5 mulheres jovens, quatro delas pretas.

O *Slam* promovido pelo CQD tomou como palco de sua realização a Praça Dóbio Zaina, na cidade de Presidente Prudente, conhecida como praça da APEA, por se localizar ao lado do Clube Associação Prudentina de Esportes Atlético. A praça se situa mais especificamente no Bairro do Bosque, centro expandido da cidade, na Avenida Coronel José Soares Marcondes. Conta com um teatro de arena, na sua parte mais interna, com palco e arquibancadas. Há

7 Entrevista realizada por Maria Celina Pedroso Alves, via *Google Meet*.

também banheiros públicos. Trata-se de uma praça que, apesar de toda a infraestrutura e de ser localizada em uma área privilegiada da cidade, encontrava-se subutilizada, tanto que nem mesmo a iluminação para atividades noturnas estava funcionando.

A primeira vez que o Coletivo ocupou a praça foi no dia 21 de janeiro de 2018, quando reuniu uma grande quantidade de pessoas: gente para vender comida, para vender roupa de brechó, gente para declamar poesia e público em geral. Foi um evento grandioso, que deu visibilidade ao projeto e o tornou conhecido entre as pessoas que faziam poesia na cidade e não tinham espaço para expor seu trabalho (ALLIBLACK, 2021, em sua palestra na UNESP).

Para que o movimento acontecesse foi necessário um trabalho coletivo. Muitas pessoas colaboraram, emprestando microfone, caixa de som, computador, aparelho de música, e mesmo luz para a praça, já que esta, pelo seu estado de abandono pelo poder público, estava sem luz para atividades noturnas (ALLIBLACK, 2021). A praça foi então não só metafórica, mas literalmente iluminada pelo CQD. Voltaremos a este tema mais adiante.

A partir daí, todo mês, ao longo dos anos de 2018 e 2019, em dias de domingo, no final da tarde, a praça da APEA era ocupada pelo *Slam* do CQD, até o início do ano de 2020, quando chegou a pandemia de Covid-19.

*Cheguei na praça por volta das 19 horas. A praça estava relativamente iluminada. Havia música trazida pelo grupo. Tem muito mato crescendo entre o concreto e nos canteiros, mas ela está relativamente limpa<sup>8</sup>. O público está distribuído pela arquibancada do teatro de arena. As pessoas estão se agrupando, tem um casal com crianças, um grupo de sete jovens que são amigas, aparentemente, outro casal mais acima e os jovens vão chegando para assistir.*

*A apresentação do encontro é feita pela Alliblack, coordenadora do grupo. Ela faz a acolhida, dá alguns recados e inicia as apresentações. Informa que devido ao baixo número de pessoas não haverá competição, mas somente apresentação dos inscritos, nomes que ela já havia coletado. A maioria das poesias são autorais, tudo inicia depois da apresentação de um "pocket show" com a J., cantora local bastante conhecida. A atmosfera é agradável. As pessoas ficam atentas a cada um que vai declamar a sua poesia. São textos longos, densos, carregados de emoção, pois tratam, na maioria das vezes, de questões pessoais, lembranças, vivências e sofrimentos que parecem terem sido sufocados para serem expressos na poesia.*

*Apenas 5 pessoas se apresentaram. Então, porque havia tempo, a coordenação decidiu abrir para outras manifestações culturais. Ficaria livre para apresentações de dança, música ou outro tipo de expressão. Encerrado esse período, e como ainda havia tempo, iniciou-se uma roda de conversa com abordagem livre e muitos se manifestaram sobre a violência policial, situações de medo, sonhos e esperanças de uma sociedade mais justa. Há um cenário montado para os encontros, iluminação específica, vários cartazes e painéis*

8 Depois viemos a saber que quem limpa a praça antes de cada evento é o próprio coletivo.



*com a imagem do coletivo estampada, um pequeno espaço ao lado com papel e lápis de cor para crianças, microfone e música de um notebook e caixa de som. Os temas das músicas são mulheres, violência, racismo e desigualdade social. O que mais me chamou a atenção foi que as pessoas eram amigas entre si, ou pelo menos conhecidas. Ninguém ficou isolado, havia grupinhos espalhados pela praça, mas as pessoas interagem, algumas me cumprimentaram por já terem me visto na universidade. Me pareceu um grupo de colegas que se encontram para curtir uma música, poesia [...] arrumar um dinheiro vendendo comida. O encontro durou até umas 22h30, encerrado com o argumento que algumas pessoas iriam pegar o ônibus para ir para casa (Maria Celina Pedroso Alves, Diário de Campo, 24/11/2019).*

Este foi nosso primeiro contato com o CQD e, infelizmente, só foi possível acompanhar mais um Slam do Coletivo, já no ano de 2020. Esse encontro, ocorrido no primeiro domingo de fevereiro, foi bastante diferente do anterior, com muito mais participação e ampla presença de público, por conta, inclusive, de uma maior divulgação e adesão nas redes sociais. Como relatamos no diário de campo:

*Cheguei à praça um pouco antes das 19h. Somos em 10 pessoas, a princípio, mas escuto as pessoas falando que deverão vir muitas pessoas porque a divulgação foi grande e todos estavam saudosos deste encontro, muita gente já tinha manifestado na rede social que vinha para a competição. Hoje vai haver competição mesmo [...]. Rapidamente a praça começa a encher. Novamente as pessoas vão formando grupos, mas claramente se conhecem porque “rola” uma saudação em várias direções. Como sempre, a iluminação extra trazida pelo Quilombo garante que possamos nos ver. As músicas escolhidas para ambientar e recepcionar o grupo já estão tocando. Elas tratam, na sua maioria, da temática do negro e da mulher. Não são músicas que ouvimos em qualquer rádio, são bem específicas. Acredito que são cantores que estão na internet e que circulam entre grupos com esta afinidade, pois nunca tinha ouvido, mas são bem produzidas e tem a finalidade de colocar as pessoas no clima do que virá em termos de poesia. O ambiente e os espíritos estão preparados para receber poesias de forte teor feminista e étnico-racial. As apresentações começam na verdade depois das 20h, quando Alliblack já havia coletado todos os nomes que participariam e distribuído entre os presentes material para registro das notas que seriam dadas a cada participante. Apesar do grupo ser fortemente feminino, há homens se apresentando... O cenário estava montado como da primeira vez, exceto porque nesse dia também teve venda de roupas, acessórios, etc. Quando a competição começa, somos mais de 50 pessoas. A praça está cheia, vende-se bolo e bijuterias. Há pessoas bebendo, fumando e conversando, mas no momento das declamações, o silêncio é absoluto. Foram várias rodadas de batalha, a Alliblack*

**Nécio Turra Neto, Maria Celina Pedroso Alves**

*apresentou antigos campeões e um desafiante, na tentativa de acirrar a disputa. São produções inéditas, autorais e longas. Há um grande trabalho de preparação para as apresentações por parte dos autores/participantes. É visível que as pessoas se preocuparam em produzir material para este encontro. Já passado uma hora do início, começa a chover e as pessoas seguem para o posto de gasolina do outro lado da avenida para se abrigar, mas a competição continua. Há um pequeno clima de torcida, todas as produções são aplaudidas, mas tem os amigos de quem se apresenta também e isso gera um clima de incentivo super agradável (Maria Celina Pedroso Alves, Diário de Campo, 9/02/2020).*

Depois desse evento, com a pandemia, o Coletivo iniciou o Poetizando na Web, pela rede social Instagram. O primeiro que acompanhamos aconteceu em maio de 2020. Sempre com alguma jovem mulher negra, ligada à cultura de Slam de outras cidades.

Como já dissemos, o CQD inicia sua trajetória em Presidente Prudente no final do ano de 2017. Das cinco jovens mulheres que hoje estão no centro da sua organização, apenas três estavam desde o início desta história. As outras duas se agregaram depois e vieram a compor o grupo a partir de trajetórias muito similares. No que se segue, vamos apresentar um pouco de cada uma das quatro entrevistadas, suas trajetórias de vida até chegarem ao CQD, as dinâmicas e as motivações do coletivo, bem como as perspectivas de futuro, segundo cada uma das nossas entrevistadas.

Alliblack é reconhecida pelas demais integrantes como a idealizadora do CQD<sup>9</sup>. Ela é natural do Mato Grosso do Sul, mais precisamente de Bataguassu, cidade próxima à fronteira com o Estado de São Paulo. Lá no Mato Grosso do Sul,

*[...] tinha um primo que era o D. e tinha um vizinho que eles sempre escutavam Racionais. Minha mãe não gostava muito. Eu sempre escutava os Racionais, escutavam Facção Central, escutavam esses raps da antiga. [...] Escutava também Pavilhão Nove, escutava Dina Di, então foi aí que eu conheci um pouco do movimento hip hop, só que naquela época eu era muito apegada mais no hip hop americano.*

Também assistia vídeo clipes e procurava imitar o que alguns rappers faziam. Esta cultura, contudo, não acontecia enquanto movimento ou cena cultural em Bataguassu. Por isso, foi em Prudente que se encontrou de fato com o movimento hip hop.

Alliblack chegou em Presidente Prudente entre 2013 e 2014, para cursar Publicidade e Propaganda, em uma Universidade particular da cidade, através do PROUNI (Programa Universidade Para Todos). Antes disso, havia passado

9 Como nos informou Fabi (Entrevista realizada por Nécio Turra Neto, pelo Google Meet): “... quem idealizou este Slam foi a Alliblack. Foi ela que convidou as pessoas, foi ela que teve a ideia, foi ela que fez tudo, só que ela não assume, que acha que foi uma construção coletiva. Só quando a gente preto constrói as coisas, as pessoas, elas têm a mania de dizer que foi tudo coletivo. Foi coletivo? Foi. Mas teve um nome que foi extremamente importante, na poesia de rua, na poesia marginal de Prudente e é o nome Alliblack”.

pela cidade de Presidente Epitácio, onde cursou alguns anos de Direito, seguindo os passos de uma tia, que já exercia a advocacia e influenciou sua primeira escolha profissional.

Em Presidente Prudente, conheceu o movimento de rua em algumas batalhas de rima promovidas pelo Galpão da Lua<sup>10</sup>. Frequentava as batalhas de MCs, como a Batalha do Vale, como ouvinte. Mas afirmou que se descobriu poeta de *Slam* assistindo poesia de *Slam* na Internet<sup>11</sup>. Como era a terceira pessoa da sua família a acessar o ensino superior, não se sentia pertencente a este meio, estava mais perto da rua.

*As poesias de Slam que são gravadas na Internet também... Isso me aproximou muito do movimento de poesia, porque eu queria estar no meio do movimento de poesia de Slam, poesia Urbana, poesia de resistência e aqui tinha o movimento mais de poesia lírica, que é aquela poesia mais construída no sentido educacional, que é aquela poesia que a universidade considera como poesia, e essa não era a realidade que eu queria. As poesias de Slam... eu queria tá perto desse movimento, do movimento de rua... tava mais perto da minha realidade.*

Contudo, o *Slam* que conhecia pela Internet (sobretudo pelo *Youtube*) acontecia só em São Paulo ou Rio de Janeiro. Queria então fazer algo aqui. Desse desejo surgiu a ideia do CQD, que viria a ser o *Slam* de Presidente Prudente. Mas, assim como uma andorinha só não faz verão, uma só pessoa não faz um *Slam* de poesia. Era preciso um coletivo que abraçasse o projeto. Foi assim, convidando pessoas e difundindo a ideia, até que em 2017 houve um primeiro sarau e, já no início de 2018, passou a haver um coletivo, o Coletivo Quilombo de Dandara, ocupando a praça da APEA uma vez ao mês.

Fabi, nossa segunda entrevistada, tem em comum com a anterior os fatos de não ser natural de Presidente Prudente e já ter concluído curso superior. Mas, diferente da trajetória da Alliblack, a Fabi teve contato com arte e cultura negra, não pelo hip hop, mas pela capoeira, pelo teatro, por cursos diversos e pela própria realidade vivida enquanto criança e enquanto jovem crescendo num bairro pobre de Salvador – BA, o Fazenda Coutos 3, que “já foi considerado o bairro mais perigoso de Salvador, mas também é o bairro mais negro de Salvador, é uma África dentro da África [...] e é neste cenário que eu cresci” e onde estudou até o ensino médio.

Veio primeiro para Campinas para trabalhar. Ali, descobriu com uma prima que poderia entrar na universidade pública (a prima cursava matemática na USP). Ingressou em Pedagogia na Unesp de Presidente Prudente: “Só que eu cheguei aqui crua, eu não entendia nada, só entendia que eu estava livre do trabalho que eu tinha, que eu estava livre da minha família e eu podia fazer o

10 Coletivo de grupos culturais que ocupou e permanece resistindo um antigo prédio ligado ao patrimônio ferroviário da cidade, que estava abandonado, localizado na área central.

11 Como Alliblack afirmou na reunião de 30 de março de 2021, a poesia já fazia parte de sua vida, mas foi assistindo aos vídeos poemas de Slam, que percebeu que poderia e queria ser poeta de Slam. Fazer uma poesia militante, fazer política por meio da poesia.

que eu quisesse...”. Foi quando conheceu também o Coletivo Mãos Negras, do qual passou a fazer parte. Quando se encontrou com o CQD já era do Coletivo Mãos Negras (formado por estudantes universitários negros/as) e do Mocambo Nzinga (Coletivo Cultural que promove educação afrocentrada em Presidente Prudente), ambos ligados ao movimento negro da cidade.

Morava com um rapaz que foi convidado para fazer parte do CQD. E ele a levou junto. Lá, viu que precisavam de uma pessoa que escrevesse documentos. Ela passou a integrar o CQD para desempenhar esse papel. Esse encontro aconteceu quando o grupo ainda estava se organizando, portanto, participa desde o começo.

As entrevistadas Heloisa e Júlia, por sua vez, são naturais de Presidente Prudente e, apesar das suas origens de classe e étnico raciais distintas, tiveram trajetórias até o CQD muito parecidas. Ambas também passaram antes e ainda compõem um importante espaço formativo/educativo, que é o Levante Popular da Juventude (LPJ)<sup>12</sup>.

Heloisa<sup>13</sup> tem 20 anos, morou sempre na Zona Oeste da cidade e estudou em diversas escolas públicas.

*Eu moro com a minha mãe, minha irmã de 27 anos e dois filhos dela, uma irmã de 21, um de 15, e um de 13... São bastante pessoas, né [...]. Eu também conhecia a Alliblack, tinha alguns amigos em comum. Também frequentava a Batalha do Vale, de rap, e então a gente transitava por esses lugares. Então, conheci umas pessoas, aí ouvi assim ‘vai ter o Slam’, e o Slam eu só tinha visto pela Internet [...]. Aí falou... ‘vai rolar um Slam. Vai ter um Slam aqui’. E eu comecei a colar desde o começo no Slam. E inclusive foi lá no Slam que eu conheci a galera do Levante Popular da Juventude. Muito interessante, né, porque nesses espaços têm muitas trocas de conhecimento [...] e aí eu entrei para o Levante. Hoje eu participo do Levante. E aí, ano passado [2019], eu fui convidada pelas meninas para entrar no Quilombo e aí eu entrei, aceitei porque eu já tinha frequentado muito tempo o Quilombo e achava muito interessante a organização, o que debatia através da poesia – que tudo gira em torno da poesia...*

Como afirmou mais adiante na sua entrevista, o fato de já militar no LPJ contribuiu para seu envolvimento no CQG: “[...] como eu já tinha entrado no Levante, então, eu vi no Quilombo também um potencial aí pra gente conseguir construir várias coisas”.

Por fim, nossa quarta entrevistada, a Júlia<sup>14</sup>, sempre morou na Zona Leste

12 Segundo está no site do LPJ: “Somos o Levante Popular da Juventude! Uma organização de jovens militantes voltada para a luta de massas em busca da transformação estrutural da sociedade brasileira. Somos a juventude do Projeto Popular, e nos propomos a ser o fermento na massa de jovens do país” (Disponível em: <<https://levante.org.br/quem-somos/>>. Acesso em: fev. 2021).

13 Entrevista realizada por Maria Celina Pedroso Alves, via *Google Meet*.

14 Entrevista realizada por Maria Celina Pedroso Alves, via *Google Meet*.

de Presidente Prudente. Mas, diferente das demais, vem de uma família de classe média branca e se considera privilegiada. Quase toda educação básica foi cursada em escola particular. No segundo ano do ensino médio foi para uma escola pública. Ainda na escola particular, em 2016, conheceu o LPJ. Já na escola pública conheceu a E., que é a quinta integrante do CQD (que infelizmente não foi entrevistada nesta pesquisa).

*Então quando eu fui para a escola pública, eu comecei a entrar em contato com essas pessoas e comecei a ter uma noção maior do mundo, porque no estudo da escola particular, a gente acaba vivendo meio que numa bolha... E aí comecei a entrar mais na militância, em 2017, 2018 mesmo. E... foi um processo de autoconhecimento mesmo, de realmente de se entender no mundo ...*

Júlia está no coletivo desde 2018. Por se entender como artista, afirmou que foi a arte o que chamou sua atenção no CQD. Nas suas palavras: “Sou artista, desenho, eu pinto, eu tiro foto. E a arte me chamou. Eu acho que arte, luta e política é um só, assim. Não tem como você desvincular estas três coisas”. Ela continua dizendo que “daí eu achei muito incrível o *Slam*, esta ideia do *Slam*, de ser uma competição de poesia falada [...] de ser uma forma de dar voz pro povo que normalmente não tem voz. Tipo, a gente vai lá e ocupa uma praça... acaba sendo uma ocupação, né”.

Estas trajetórias de vida aqui descritas, vindas de contextos geográficos e também sociais distintos, encontraram-se todas em uma cena cultural e política de rua, em Presidente Prudente, e passaram a compor um coletivo que tem não apenas garantido um espaço para a poesia marginal no centro da cidade e nas redes sociais, mas também tematizado questões de gênero e raça que são centrais para a experiência de cidade e de mundo dessas mulheres jovens e pretas – temas que, no fundo, compõem o conteúdo educativo do CQD.

Em torno deste coletivo também tem se agregado todo um público, ávido por cultura e que se sente ali representado, formado por professores, artistas, trabalhadores informais, produtores de uma economia alternativa, mas, sobretudo, por jovens das periferias desprivilegiadas de Presidente Prudente, estudantes ou não. Uma reunião que tem se constituído num importante espaço educativo na cidade, à semelhança do que Salvi (2019) já havia identificado para o caso da Batalha do Vale.

Na percepção das jovens entrevistadas, os temas trazidos e encenados no *Slam* raramente apareceram nas escolas por onde passaram. Exceção talvez feita à Fabi que, no contexto da periferia de Salvador, teve uma disciplina chamada Cultura Baiana, na qual a questão da identidade negra e de África foram minimamente abordadas. Questões que, mesmo no curso de Pedagogia, que veio a concluir na Unesp, foram muito pouco trabalhadas.

Segundo Fabi, seu referencial de escola é completamente diferente daquele que se tem em São Paulo: “Não posso dizer que a gente teve uma formação qualificada para as questões raciais, porém, sempre estava ali permeado, porque... a gente é isso. Então, a gente estava ali, dentro disso, vivendo isso, porque a gente é todo mundo preto. Inclusive, eu lembro de alguns projetos”, como capoeira, dança afro, teatro e Projeto Axé.

Alliblack, mesmo sentindo que em certos momentos foi vítima de preconceito racial na escola, não tinha, à época, um “capital cultural” que pudesse orientar uma leitura do que estava acontecendo. Nem mesmo sua família tinha repertório para realizar tal leitura. Segundo ela, foi só no curso de Direito que compreendeu, com um pouco mais de profundidade, o que era o racismo. Contudo, segundo afirmou: “[...] eu acho que a partir do momento que eu cheguei aqui [em Presidente Prudente], eu pude entender o que é o racismo, por estar mais próximo de pessoas que falavam o que era. O "Coletivo Mãos Negras" me ensinou muita coisa e me ensina até hoje [...]”.

Como se percebe, já na escola nossa entrevistada não se descobriu negra, foi acusada de ser (RIBEIRO, 2019), ou seja, conheceu a experiência que marca a vida de muitas pessoas negras, que são apontadas, discriminadas e excluídas das relações sociais, desde a mais tenra infância. Descobrem-se negras, como se este fosse um defeito. Internalizam a identidade inferiorizada que lhes é imposta, sem ainda terem conhecimento do que é o racismo. Nesse sentido, argumenta Ribeiro (2019b), crianças negras não podem ignorar estas violências cotidianas. Segundo sua própria experiência, o racismo sofrido na escola afetava sua autoestima, tornando-a uma criança cabisbaixa e introspectiva.

O racismo, assim, por mais que seja expresso em ações, práticas e discursos dirigidos para e contra pessoas negras, não pode ser entendido apenas como um simples ato resultado da vontade de um indivíduo. O racismo é, na verdade, um amplo sistema de opressão que perpassa não só as relações pessoais, mas as relações educacionais, de trabalho, econômicas e políticas que, por discriminar com base na raça um grupo social de forma sistemática e duradoura no tempo, culmina na sedimentação de uma sociedade desigual, em que a raça é fator de desvantagens cumulativas ou de privilégios (RIBEIRO, 2019b; ALMEIDA, 2018).

Sobre o assunto, Heloisa respondeu que, na escola, o tema do racismo “[...] não era muito comum. Acho que foi bem pontual, assim, quando eu tava no ensino médio, que aí... Inclusive a gente, alunos, estudantes, debatia questões sobre machismo, sobre questão racial, né, essas questões. Mas era bem pontual. Não tinha muito esse debate”. Por isso, reconhece no LPJ e, especialmente no CQD, seus principais espaços formativos sobre a questão racial e de gênero. Segundo ela,

*[...] anteriormente na escola, em outros espaços, tirando o Levante que eu entrei primeiro, que já tinha essas questões de debate racial e tudo, eu nunca tinha visto essa representatividade. Chegar no Quilombo e ver pessoas iguais a mim, ver histórias em comum [...] essa importância de se ver no outro, assim, de ver essa representatividade.*

A Júlia, sendo a única garota branca do coletivo, obviamente não sofreu com o racismo, mas também reconhece ter sofrido preconceitos na escola, decorrentes da sua orientação sexual. Outro tema que não atravessava a escola, embora jovens orientados para o mesmo sexo se encontrassem e se reconhecessem no seus espaços e tempos:

*[...] tanto na escola pública como na escola particular eu comecei a ter, a identificar realmente essas pautas, mas não vindo de uma terceira pessoa, assim, de uma formação de professores, sabe... alguém vindo falar sobre racismo aqui.*

Foi somente quando passou a integrar o LPJ, que os temas do feminismo, LGBTQIA+ e racismo começaram a ser mais profundamente refletidos. Segundo ela:

*quando eu conheci o Levante, eu comecei a entrar em contato com essas pautas de militância. Comecei a entender a minha posição no mundo, enquanto uma mulher LGBT branca. Então, eu entendi as opressões que eu sofro [...] mas também reconheci meus privilégios.*

O LPJ também deu a ela uma percepção de que o CQD poderia ser um espaço importante de ação política e este foi um dos motivos que a levaram a participar. Aqui também temos o sujeito que se reconhece na sua condição a partir da acusação feita por outros, ainda na escola. Costa (2020) argumenta que, desde a infância, sujeitos LGBT são interpelados a adotarem os parâmetros de comportamento da cisheteronormatividade, sob pena de serem considerados desviantes e sofrerem as consequências da exclusão das redes de relações sociais. Nesse sentido, se esse corpo não encontrar outros com quem compartilhar a normalidade de seus sentimentos e emoções, recusando-se às representações que lhes são impostas, pode terminar por confirmá-las, conformando-se ao mundo de significados hegemônicos. A escola, nesse sentido, poderia ser o primeiro espaço em que sujeitos orientados para o mesmo sexo tivessem o reconhecimento da normalidade de seus desejos e não ser mais um dos espaços interditos a sua existência.

Diante desses relatos, vemos que havia uma lacuna na escola para a formação das jovens entrevistadas enquanto pessoas, mulheres, negras e LGBT, na afirmação de si e no reconhecimento de seu lugar no mundo. Em contrapartida, todas foram unânimes em afirmar o papel educativo do CQD, tanto para elas mesmas, quanto para o público que assiste e também para os diversos parceiros que participam para formar o movimento de encontro na praça. Suas falas são muito significativas neste sentido.

Alliblack:

*O movimento de rua é isso. A gente tá fazendo arte na rua, tá levando pra rua, tá levando cultura pra rua, tá levando conhecimento pra a rua, tá levando educação pra rua. Mesmo que a galera fala que lá não é um lugar de educação, lá não é um prédio de educação, não é uma escola, lá é um lugar de conhecimento, é diferente. A gente tá passando conhecimento, ali a gente tá formando pessoas.*

*[...]*

*E eu já ouvi muito das pessoas que ouvem a poesia ali e que ouvem Slam dizerem: ‘nossa vocês falaram sobre feminicídio, eu não sabia e agora eu sei...’; ‘nossa vocês falaram que a mulher preta é a base da pirâmide da sociedade, eu não sabia e fui pesquisar pra mim*

*entender por quê'. Então não tem como falar que a gente não tá educando, não tem como.*

A Fabi reconhece que, pelo CQD, conseguiu se compreender como artista, pois

*O Quilombo é um espaço não só pra mim, mas para muita gente se entendeu artista, ele é um espaço que te fala: 'você pode falar, e a sua fala pode ser reconhecida, pode salvar pessoas'.*

*[...]*

*O Quilombo é um espaço extremamente educativo para ser muito sincera. Primeiro, pela abordagem... pelos temas que tem ... às vezes, a poesia traz o tema de uma maneira muito rasa, só que aquele raso é o que toca o menino da periferia...*

Por acolher pessoas que fazem dinheiro vendendo comida, mães que participam do *Slam*, que conta com um “Espaço Criança” oferecido pelo CQD, meninos do rap com suas músicas/poesias, a Fabi acredita que o CQD é também educativo, afinal, “o acolher é educativo, é dizer que você importa”. E ainda fala que “Eu acho que esse processo de construir no coletivo, de construir nos espaços, pra atender o público é completamente educativo, porque ele fala ‘você é aceito aqui dentro’<sup>15</sup>”.

Para Heloisa, o Quilombo trouxe representatividade, “porque a organização é, majoritariamente, por mulheres negras.” Além disso, reconhece que o “Quilombo também foi muito interessante pra me descobrir na escrita, assim, pra escrever poesia”. Assim como a Alliblack, também escutou pessoas dizendo: “‘Nossa, depois que eu tinha 25 anos que eu fui debater e entender essas coisas’, ‘Nossa, não sabia o que era machismo, porque na escola não se fala isso, não sabia questão racial, o que que era racismo’. E eu acho que é necessário isso pra construção da pessoa”.

A Júlia afirmou:

*[...] aprendo muito nos Slams, através das poesias das pessoas sabe, porque quanto mais você sabe da vivência das pessoas... porque nenhuma vivência é igual, todo mundo tem a sua vivência e todo mundo aprende através da sua vivência.*

Assim, foi muito comum identificarmos nas falas de nossas entrevistadas, uma crítica à escola tal como a conhecemos hoje, com conteúdos padronizados, pouco ligados à vida e que não parecem cumprir o papel de

15 Segundo sua explicação: “Aqui a gente tem poesia, mas a gente também pode te acolher para você vender seus produtos para você tirar um dinheirinho pra semana. A gente criou o ‘espaço Larica’, que vai assistir ou que vai acessar vender comida. Aí a gente começou a perceber que ia muito MC, ia muita galera, muito rapper, colava lá e, às vezes, não tinha nem poesia, só tinha música. E aí os caras recitava música dentro do Slam, pegava uma música para dizer que era poesia e pronto, e competia por música. Aí a gente cria a ‘rádio Quilombo’.. ‘vamos mostrar o que essa galera está produzindo no interior’ ‘vamos!’ [...]. A gente começou perceber que mãe, amigas nossas, não estavam indo porque não tinha onde deixar criança. Falamos: ‘Não, tem que fazer alguma coisa, não tem como as mães pararem de vim’ ‘Ah, vamos criar um espaço pra criança’ Criamos o ‘Espaço criança’ que é pra mãe pode vir, ter espaço pra recitar a poesia dela e a criança dela está lá brincando sem encher o saco”.



fazer os sujeitos conhecerem sua posição no mundo, nem se identificarem com aqueles que são da mesma condição social. Por isso, para elas, não se trata de uma educação verdadeiramente emancipatória. Ao mesmo tempo, reconhecem o quanto no CQD há processos educativos em andamento, mesmo que seja de forma mais ou menos desestruturada e nem sempre com intencionalidade pedagógica claramente orientada.

É difícil precisar até que ponto as ideias de raça e gênero e suas intersecções, acionadas nas ações do coletivo, são resultados de estudos sistemáticos de um referencial teórico ou apropriadas nas diversas deambulações que as jovens fazem nas suas incursões nos cursos oferecidos pelo Coletivo Mãos Negras, ou mesmo na internet, sobretudo porque este não foi um tema debatido no contexto das entrevistas, ou seja, quais as fontes de (in)formação que alimentam as ações e os discursos. De toda forma, pelos nossos contatos com as jovens negras do CQD, em outros contextos de interação, é possível identificar algumas das referências que estão na mente destas jovens mulheres negras e orientam seu discurso<sup>16</sup>. Uma primeira que vem à lembrança é Djamila Ribeiro (2019a; 2019b), com seus livros "Pequeno Manual Antirracista" e "Lugar de Fala". Ou seja, as jovens reconhecem que o feminismo branco não as representa, comungando da ideia de que suas mães pretas e avós nunca foram a imagem da mulher branca do lar, a demandar autonomia para integrar-se no mercado de trabalho.

Para Ribeiro (2019a), a mulher negra sempre foi uma voz silenciada no debate do feminismo, haja vista sua difusão a partir dos meios acadêmicos. A mulher negra, para a autora, inspirada nos escritos de Grada Kilomba, era o outro do outro. Na relação racial e na luta antirracista, as imagens dos atores em disputa são as dos homens brancos e dos homens negros. Na relação de gênero e na luta pela emancipação feminina, por sua vez, as imagens dos atores são a do homem branco e a da mulher branca. O homem negro e a mulher branca sendo sempre os outros da relação com o homem branco, o grande modelo universal, nunca generificado ou racializado. Não havia espaço, nesta equação, para a mulher negra, sendo ela o outro (invisibilizado), tanto na relação com a mulher branca, quanto com o homem negro (LUGONES, 2008).

Também hooks (2019) reconhece esta situação de exterioridade das mulheres negras e do feminismo negro nas lutas antirracistas e feministas. Segundo a autora, as mulheres brancas temem que a luta feminista se enfraqueça se as mulheres negras começarem a, no seu interior, pautarem questões de racismo. Do mesmo modo, os homens negros temem que a pauta antirracista seja deturpada se as mulheres negras começarem a trazer questões de gênero, denunciando o machismo na própria comunidade afroamericana. hooks, contudo, defende que as opressões não podem ser dissociadas e que a dominação racial se efetivava, de forma mais violenta, quando se investia contra os corpos das mulheres negras, para quebrar o orgulho masculino do

---

16 No ano de 2020, no curso de Geografia da FCT/UNESP, em parceria com o Coletivo Mãos Negras, foi ministrada com um dos autores do texto, a disciplina de Geografia da África e Africanidades, com carga horária de 60 horas. Esta disciplina foi ofertada tanto para estudantes do curso, quanto para membros da comunidade externa. Fabi era uma das responsáveis pela condução da disciplina. Nesse sentido, é a pessoa que, no âmbito do CQD, mais tem se debruçado, de forma sistemática, sobre a reflexão da intersecção entre raça e gênero e, certamente, responsável por fazer as pontes entre o "mundo da academia" e o "mundo da rua".

homem negro. Para a autora, a “libertação negra progressista” depende, assim, de um olhar do feminismo negro, para recuperar “a doce solidariedade na luta” (HOOKS, 2019, p. 166).

Estas e outras pensadoras negras, portanto, circulam entre as referências das jovens mulheres negras e branca do CQD, às vezes como citações, às vezes a partir de leituras mais estruturadas, mas sempre como fontes para a consciência de que as opressões que as atingem e atravessam seus corpos são de várias naturezas e devem ser encaradas de forma conjunta.

Quanto à dinâmica de funcionamento do CQD, Alliblack tem papel central na organização do Slam. É a que faz os corres de levar os papéis, de garantir o bom funcionamento da competição, quem organiza a lista dos nomes e faz o papel de MC (Mestre de Cerimônia).

A Fabi fala sobre a organização e divisão das frentes:

*Tem a Júlia que é fotógrafa, ela cuida de tudo de fotografia. Tem a E. que é a DJ do Slam, que faz a seleção das músicas da Rádio Quilombo; e tem a Heloisa, que ela é meio volante ali. Ela fica na função de anotar a pontuação das competições, se alguém falta ela cuida dos espaços. Eu, além dos documentos, eu cuido do Espaço Criança também, as meninas ajudam, mas a função do Espaço Criança é minha.*

Por fim, não poderíamos deixar de mencionar a dimensão espacial deste movimento que, segundo nossa compreensão do conceito de prática espacial, tal como desenvolvido por Souza (2013), pode ser pensado como uma “prática espacial insurgente”, ou seja, um movimento, um sujeito coletivo, cuja ação é intencionalmente voltada à transformação da realidade e, por isso, dotada de um sentido que é compartilhado e reconhecido por muitos outros sujeitos sociais. Discussão que já fizemos e que também retomaremos adiante. Por hora, é importante mencionar o quanto a rua e a praça participam da constituição deste movimento e que faz dele uma prática espacial.

Para Alliblack, o Quilombo “é um movimento de rua [...] ele é um movimento poético que acontece na rua, em praça pública [...]. E quando a gente fala de movimento de rua, é porque realmente acontece na rua. Então, ele nasce na rua, ele nasce de coisas que aconteceram na rua”. E, ao se apropriar da praça, “toma conta daquele espaço, e aquele espaço é um lugar de resistência... de acesso a todos que podem chegar ali...”.

Fabi, ao mencionar o papel educativo do CQD, incluiu o vigia da praça, afirmando que os encontros e as discussões têm sido educativas, inclusive, para ele. Segundo afirmou:

*Inclusive pro rapaz que cuida lá da praça, o segurança, Seu R., [...] ele pediu na prefeitura pro dia quando fosse ter Slam, que era para botar ele na escada. (Risos) Ele gostava do Slam lá. ‘Ahh quando vocês vêm aqui com o Slam, com a poesia de vocês, fica animado aqui, pessoal vem aí, eu fico aí de boa’ [...]. Teve uma vez que houve uma troca de data e não avisou pra ele. Nossa! No outro mês tava bravo. ‘Nossa, vocês não avisaram. Quando eu cheguei aqui eu vi*

*que teve, porque a praça tava limpa'. Que a gente varre a praça [...]. E, assim, o Seu R. é um dos que pra gente também tá fora, mas está dentro ao mesmo tempo.*

E o diálogo sobre a praça se seguiu assim:

*Nécio: "Porque aquela praça quando não tem Slam é um pouco vazia, não tem nada..."*

*Fabi: "Não tem nada. Não tem nem luz. A gente ficou mais de dois anos mandando ofício pra prefeitura para eles ligarem uma lâmpada. Se eles ligarem uma lâmpada, já fica a praça inteira clara, só que fala que deu curto circuito na praça e que não pode ligar"*

*Nécio: "E por que o coletivo escolheu aquela praça?"*

*Fabi: Quando o coletivo começou teve a discussão de várias praças na cidade. E aí escolheu aquela porque ela era central e porque não tinha nada, e porque ela já tinha um palco, estrutura de arena, tudo prontinho. E a gente foi pra lá por causa disso. Só que chegou lá e se deparou com o BO da luz. Não tem luz. Tanto que, de tanto que a gente pediu e não foi atendido, a gente fez um evento pro SESC e ganhou o dinheiro e a gente mesmo comprou o refletor. Em vez de dividir com quem trabalhou, a gente comprou o equipamento. Porque não iria parar o Slam porque o bonito [o prefeito] não iria colocar lâmpada. Então, a gente foi lá, e a gente mesmo comprou e a gente usa.*

Heloisa e Júlia apresentam outros elementos de sentido para a praça, que compartilham entre si, até pelo fato de participarem do LPJ. Ambas salientam a relevância política da ocupação de uma praça pública, como uma forma de aproximar a militância da sua base. Para Júlia,

*a gente dá um motivo pr'aquela praça. Porque era uma praça que tava abandonada, nem tem luz lá, não tem luz. É... sempre que a gente vai lá a gente tem que dar uma geral, porque tá sempre imundo, assim, sabe, cheio de lixo. E a gente realmente dá um valor... mais um objetivo pr'aquela praça.*

Já a Heloisa afirmou:

*[...] Eu acho muito importante a gente se afirmar num território, num espaço... Lá naquela praça não é na periferia, assim, meio que central. É até difícil para algumas pessoas acessar esse local, apesar de muitas pessoas circularem por ali. Mas eu acho que o Slam é um espaço muito importante, seja pra quem tá lá só ouvindo, seja pra quem tá declamando poesia. Porque eu acho que lá é um espaço da gente, através da poesia, desabafar, mostrar a nossa indignação, nosso protesto mesmo.*

O CQD pode ser pensado como uma prática espacial insurgente não só no sentido de suas ações no presente, mas também no que se refere as suas

perspectivas de ação para o futuro. Houve uma unanimidade nas respostas, dizendo que seria desejável que o Quilombo conseguisse chegar a todas as periferias de Presidente Prudente, fazer-se em outras praças pela cidade e, mais especificamente para as jovens que também são do LPJ, levar o Quilombo para todos como um projeto intencional e amplo de mudança social, em articulação com outros coletivos e movimentos sociais.

Como argumentou a Júlia:

*[...] é cada vez mais a gente abrir os braços pro resto da militância que existe aqui em Prudente, que Prudente é uma cidade que tem muita resistência, tem muitos coletivos<sup>17</sup>. Eu acho muito importante, principalmente neste momento, com este governo aí e tudo mais...”. Ela continua: “E também essa questão da ocupação mesmo, sabe? A gente começar a criar vínculos e até sair um pouco lá da praça da APEA, talvez ir para outro território, levar poesia pra o máximo de lugar onde a gente puder e conseguir mostrar essa potencialidade da palavra.*

Assim, pela apropriação do espaço de uma praça central, o CQD também coloca em prática uma das formas de luta antirracista apresentadas por Ribeiro (2019b), segundo a qual corpos pretos ocupando espaços que antes lhes eram interditos é uma ação importante, que pode ser colocada em prática como estratégia de luta. É, portanto, uma prática espacial insurgente pelo simples fato de marcar presença e dar visibilidade a esta presença lá, onde estes corpos não deveriam estar.

### **Considerações: CQD como Prática Espacial Insurgente**

#### *MINHA COR*

*Século XXI mesma história  
Todo preto almeja a glória, aí  
Se quer bater de frente pode vir porque o peito aqui é de aço e  
ninguém vai sucumbir*

*Eu já sofri demais rapaz  
Eu vi o sofrimento no rosto dos meus ancestrais  
Que viviam aprisionados sem culpa  
Pra burguês sair lucrando com o comércio de açúcar*

*E tu ainda vem querer desmerecer minha luta  
Vai olhar pro meu cabelo e dizer que é peruca  
Dizer que é diferente porque isso te assusta, não surta!  
Pois chegamos aqui mais forte do que tiro de bazuca  
E só vai existir derrota se a gente abandonar a luta*

---

17 Um dos coletivos citados pela Júlia foi o Coletivo Santo Útero que, em comum com o CQD, é constituído por jovens mulheres e realiza intervenção periódica no espaço público, como revitalização da praça e diversos eventos.

*Eu aprendi desde pequena  
Que preto e periférico nasce com muitos problemas  
Se cair na cadeia eles aumentarão a pena porque no nosso sistema a  
cor de pele condena  
Não aceita as cotas  
Diz que é chacota  
E do governo falta resposta  
E pra preto favelado o crime quase sempre é a solução  
De toda a negação  
Da sociedade que sempre nos julga como ladrão  
Porra, é foda.  
Viver sempre procurando uma porta  
Pra buscar saída pra quem realmente importa  
Mesmo que tudo isso só dependa da nota*

*E ver que ser preto até virou moda  
Porque ser poser de Instagram é mais fácil que entender  
Djvan, Racionais, Karol Conka, Rincon tanto faz  
Os pretos tem razão  
Viemos enegrecer  
E que se foda seu padrão  
Racista aqui não tem perdão  
Preste muita atenção  
A cultura do MEU POVO não merece repreensão.  
(Alliblack<sup>18</sup>)*

Três são os pontos que queremos trazer aqui para discussão, ou sobre os quais, pelo menos, podemos apresentar alguma reflexão a partir dos resultados da pesquisa. O primeiro tem a ver com o circuito político e cultural que existe em Presidente Prudente e que criou a possibilidade do encontro e ajuntamento em torno da ideia de formar um *Slam* na cidade, materializado através do CQD, conectado, por sua vez, a circuitos mais amplos de produção cultural, a escala nacional.

As duas observações realizadas na praça, antes da chegada da pandemia, apontaram para o fato de que as pessoas que acorriam para o *Slam* tinham algum tipo de laço entre si, ou pelo menos se conheciam e se reconheciam de outros contextos, pois chegavam, cumprimentavam-se, ficavam em rodas conversando e alguns/as circulavam entre as rodas.

Também nas falas das nossas entrevistadas, quando narraram seus percursos até o Quilombo, foi comum citarem eventos, manifestações e outros grupos que eram espaços de encontro, diversão, política e cultura frequentados por elas. Alliblack e Fabi mencionaram o Coletivo Mãos Negras, como um espaço anterior de interação; Heloisa e Júlia falaram do LPJ, sendo que a Heloisa conheceu o Levante frequentando os *Slams* na praça da APEA; Alliblack e Heloisa se conheciam por frequentarem a Batalha do Vale; e também foram mencionados os eventos promovidos pelo Galpão da Lua, e por aí vai... A escola pública, por sua vez, também foi um lugar de encontro entre trajetórias,

18 Poema encaminhado pela própria autora.

que levou a Júlia até o CQD.

Estas evidências, ainda que não suficientes, permitem-nos inferir a existência de um circuito alternativo em Presidente Prudente, ligado à cultura de rua e que tem sido responsável por tematizar algumas pautas, como racismo e sexismo, ou seja, as chamadas pautas identitárias, ao mesmo tempo que tem servido como “terminais de conexão” (CARRANO, 2002) de redes para constituição de outras tantas manifestações e coletivos, formados, predominantemente, por jovens empobrecidos/as, residentes nas periferias da cidade e negros, em sua grande maioria.

Esta inferência ganha respaldo no trabalho de D’Andrea (2020), para quem, nos anos de 1990, na metrópole de São Paulo, o termo periferia passa a ser positivado (o movimento hip hop teve papel importante nisso) e usado de maneira cultural e política por sujeitos da própria periferia. Tais sujeitos passaram a reivindicar o direito de elaborarem uma representação de si mesmos e de seu meio socioespacial, sem mediadores. Um discurso sobre a periferia que tem não só o papel de denunciar as mazelas, mas também de unir as pessoas, de criar certa “consciência periférica” (D’ANDREA, 2020, p. 26), base para a formação de uma “epistemologia periférica” (D’ANDREA, 2020, p. 22). D’Andrea (2020) reconhece a emergência da periferia e do periférico como adjetivos que denotam tanto posição política, quanto estilo de vida. Os sujeitos e sujeitas periféricos/as que enunciam a periferia dessa forma compartilham certo *habitus* territorial, certa consciência de pertencimento. Esses sujeitos e sujeitas organizam coletivos, entram na universidade e passam a realizar uma produção acadêmica de dentro. Os saraus periféricos e os *Slams* são algumas formas de produção cultural decorrentes da emergência destes novos sujeitos sociais.

E não são poucas as pistas que nos permitem dizer que essa consciência periférica viajou, e também se fez presente nas jovens mulheres do CQD, de modo que o CQD pode ser lido como parte do movimento mais amplo de ressignificação da periferia enquanto lugar de margem (HOOKS, 2019; SOJA, 2010), a partir do qual podem enunciar uma outra leitura de si e do mundo.

De todo modo, foi circulando nesse circuito político e cultural alternativo de Presidente Prudente que as jovens mulheres do CQD se conheceram, juntaram-se e se identificaram e, então, quando uma delas propôs a constituição de um *Slam*, foi para parceiros constituídos neste circuito que a ideia foi divulgada e em quem encontrou seus primeiros adeptos. O depoimento da Heloisa é revelador nesse sentido, pois mostrou toda uma espacialidade da resistência negra, feminina e periférica em Presidente Prudente, que foi se constituindo num circuito de espaços, redes de sociabilidade e troca, bastante conectado, afinal, as pessoas de muitos destes movimentos e cenas se misturam, são público um do outro. Os contatos foram acontecendo e as trajetórias se conectando para fazer algo juntas em torno da ideia de *Slam*.

*Slam* que, como ideia, teve sua própria história de difusão, ao se encontrar com a cultura hip hop nos Estados Unidos e, a partir daí, ser lançado para as ruas e praças, ganhar a Internet e se difundir como prática política, cultural e espacial que, particularmente no Brasil, passou a agregar jovens empobrecidos/as e periféricos, primeiro dos grandes centros urbanos, depois, pela Internet, viajando, também se colocando no horizonte de possibilidades de

ação de jovens de cidades médias e pequenas do interior, no contexto de reativações do político na vida social, decorrentes das manifestações de 2013/2014 no país.

Estamos aqui tentando realizar uma interpretação que conecte, numa trama, as múltiplas trajetórias e escalas espaço temporais de um fenômeno em permanente movimento: a escala e a trajetória das vidas individuais, a história de uma cultura de rua em sua difusão e territorialização em diversos contextos, a escala e a trajetória do contexto histórico em que o Brasil vem mergulhado, desde o início dos anos de 2010, ou mesmo antes disso, desde a própria ressignificação da periferia e da emergência de sujeitos e sujeitas periféricos/as, no sentido de D'Andrea (2020), bem como a história daquilo que acontece no lugar, que é o aqui/agora, do encontro de todo esse feixe de trajetórias (MASSEY, 2000). Só a descrição densa dessa trama, em seus entrelaçamentos, pode revelar o conjunto de acontecimentos que se enredam para dar origem a uma história (possível de ser narrada): “A trama não descreve os territórios, os lugares, as paisagens, como supõem as visões clássicas da descrição, mas os constitui. Isto quer dizer que o próprio ato de descrever configura geografias” (ZUSMAN, 2014, p. 145).

Vale aqui abrir um parêntese, para tratar da questão da Internet em todo este movimento. Como vimos, a Internet nunca foi um ambiente estranho à cultura de *Slam*. Mesmo antes da pandemia, era a partir da movimentação nas redes sociais que as organizadoras do *Slam* tinham um termômetro para saber como seria o evento na praça. Era como se cada evento iniciasse na Internet, antes de se materializar na praça. Assim, quando, por conta da pandemia, o Coletivo se viu obrigado a realizar ações unicamente por este meio, os canais e a rede social articulada em torno do CQD já estavam estabelecidos e o Projeto Poetizando na *Web* pode acontecer.

Pelas observações que fizemos nos eventos *online*, as convidadas, assim como as anfitriãs, tinham o cuidado de organizar um cenário com símbolos de resistência negra e feminista. As músicas que preparavam o ambiente do *Slam* na praça compunham também a *playlist* que antecedia os eventos virtuais. Também no bate papo durante o evento, era comum que as pessoas trocassem cumprimentos e saudassem umas as outras, as convidadas e as organizadoras. Sem dúvida, a interação era intensa, ainda que não se pense em, um dia, substituir a interação face a face na praça, pelo contrário: estar na praça é parte do projeto político do Coletivo. Além disso, ainda que a Internet possa amplificar o que acontece na praça, a experiência da performance poética, da declamação, bem como a atmosfera contracultural produzida pelo encontro, dificilmente podem ser reproduzidas no vídeo, ou na interação mediada eletronicamente (FREITAS, 2020). Fecha parêntese.

O segundo ponto que queremos discutir tem relação com o papel educativo do CQD, tema que poderia ter sido melhor desenvolvido se tivéssemos acessado tanto o público, quanto as escolas – como já lamentamos anteriormente. Contudo, as nossas entrevistadas, a partir de suas experiências e envolvimento com o Coletivo, nos ofereceram elementos importantes para concluir que sim, o *Slam* e o próprio CQD são educativos.

Processos educativos são colocados em movimento nessa reunião em múltiplos sentidos. Primeiro, em relação ao público, quando, através da poesia,

as/os jovens que compõem a audiência podem acessar as vivências das/os poetas, experimentar o reconhecimento e também conhecer outras realidades e possibilidades de ser. Além disso, podem ver, ali, certas pautas da militância que, de outro modo, talvez nunca tivessem acesso nos espaços educativos mais formais: feminismo, LGBTfobia, racismo e tantos outros. Segundo, em relação a quem se agrega ao Coletivo de forma mais orgânica, colocando suas roupas ou comidas à venda nos eventos, declamando poesias nas competições, ou participando do núcleo organizativo central. Ainda, há questões de representatividade, como disse Heloisa, ao reconhecer no movimento outras meninas negras como ela. Há as questões de acolhimento, como disse a Fabi, quando afirmou que “acolher é educativo”. Há as questões da própria construção coletiva, que exige negociação, discussão, troca de ideias e uma divisão do trabalho, em que cada uma contribui com aquilo que tem para oferecer.

Poderíamos perguntar se os sentidos e os conteúdos do que é trazido pela poesia, pela música e pelos discursos políticos que ali circulam – inclusive com certa superficialidade, visto que trazidos de forma rápida, na explosão de um grito de revolta, de uma música de protesto, na voz exaltada da poeta –, de fato produzem um afeto que mobiliza a audiência a buscar conhecer mais, a realizar por si o aprofundamento necessário. Contudo, não temos elementos para responder esta pergunta. O que as falas das nossas entrevistadas apontam é que as pessoas que assistem ao *Slam* são, de fato, afetadas pela poesia de uma forma que as conduz para além da posição inicial, convidando-as a uma reelaboração de visões de mundo e das formas de se enxergar nele. Pois, segundo também as próprias experiências de vida narradas, na escola, o racismo, o sexismo e o preconceito quanto à orientação sexual foram sentidos na pele e, às vezes, foi difícil para as jovens mulheres elaborarem respostas ou mesmo uma compreensão do que as estava atingindo. É só quando acessaram espaços educativos, tais como o que o próprio CQD institui (a exemplo do Coletivo Mãos Negras, da Batalha do Vale, do LPJ), é que puderam reelaborar a leitura desses acontecimentos pretéritos, das suas vidas e de seu lugar no mundo.

Assim, nos *Slams* do CQD, essas jovens mulheres, ao trazerem as questões que lhes tocam, ao apresentarem suas experiências de vida como resistência, ao fazerem circular ali os conhecimentos que apreenderam em outros contextos educativos, promovem coletivamente uma educação, ao mesmo tempo em que se educam no movimento, no ato de fazê-lo. Movimento formativo que não tem sido identificado com a mesma intensidade nos estudos sobre a Geografia Escolar<sup>19</sup>.

Por fim, o terceiro ponto que queremos trazer se refere à espacialidade do CQD. Primeiramente, é inegável o quanto sua ação reativa o espaço público da praça, preenchendo de vida um espaço que estava ocioso e que, apesar de formalmente ainda ser considerado um espaço público, já não era apropriado por uma vida pública.

A ocupação de uma praça na área central da cidade como um ato político intencional (dimensão mais forte para as entrevistadas que participam do LPJ),

---

19 A título de exemplo, podem-se ser consultados os trabalhos de Santana (2019) e Moreti (2020).



a capacidade de difusão capilar do evento, via redes sociais, chegando até aos sujeitos que habitam os diferentes quadrantes da cidade, fazendo com que, pelo menos uma vez por mês, naquela praça, constitua-se um centro de vida política, de rebeldia e reivindicação, um centro de vida e cultura negra e periférica em Presidente Prudente, são pelo menos dois indícios fortes que permitem entender o CQD como uma prática espacial insurgente.

Como já argumentamos anteriormente, é uma prática espacial pelas relações densas e complexas que estabelecem com a dimensão espacial da sua prática social, pois se trata de uma ação que exige encontro, aglomeração e, portanto, uma referência espacial onde possa acontecer. A escolha desta referência não foi aleatória, envolveu tanto o fato de ser um espaço público, quanto sua localização na área central da cidade e, portanto, de fácil acesso. A ação intencional de ocupar o espaço público e de ali se fazer presente regularmente, a projeção de um futuro em que se pensa em realizar *Slam* em outras praças, ir para mais perto do/a jovem empobrecido/a da periferia, que é com quem o CQD quer se comunicar e, por fim, e talvez mais importante, por compreenderem que o Quilombo é cultura de rua, o que significa, dentre outras coisas, que é feito fora das instituições e normalizações da nossa sociedade e que é feito para quem também está fora, à margem. Assim, ao se afirmar e se realizar como cultura de rua, assume sua posição de margem e a ressignifica, tornando a margem um lugar de enunciação e de resistência (HOOKS, 2019; SOJA, 2010).

Souza (2013) lista algumas práticas espaciais insurgentes, algumas das quais pudemos identificar no CQD. Este pode ser entendido como uma territorialização em sentido restrito, pois remete a uma apropriação do espaço pela presença física e com regularidade temporal. Também promove uma ressignificação dos lugares, ao dar sentido de vida pública a uma praça do centro subutilizada e, mais do que isto, ao fazer dali um espaço periférico e marginal por algumas horas, uma vez ao mês. Além disso, o CQD tem sido eficiente na “construção de redes espaciais”, tendo em vista suas evidentes práticas multiescalares, em que se articulam experiências de resistência locais (entre os diversos grupos de cultura de rua ou coletivos políticos e culturais da cidade) àquelas que ocorrem em outras localidades, participando assim da produção das escalas regional e nacional (no sentido de uma política de escala, SMITH, 2000) de cultura periférica dissidente. Também é possível identificar, na prática do CQD, a construção de circuitos econômicos alternativos, ao garantir e estimular espaço de comercialização de alimentos e roupas, para geração de renda de pessoas ligadas à cena, mas também para financiar as atividades culturais e políticas, como foi o caso do evento promovido no SESC, que financiou a iluminação da praça.

Por tudo isso que foi dito e, se estamos certos nessa linha interpretativa, como uma inferência da pesquisa, podemos dizer que o CQD se coloca também como uma contra tendência ao processo hegemônico de fragmentação socioespacial. Pois, se este processo é resultado e condição da ampliação da apartação social, do acirramento das desigualdades e diferenças, com a multiplicação das fronteiras entre as classes sociais na cidade, o CQD vem evidenciar que há trânsitos, que há novas conexões e que há outras formas possíveis de se apropriar do espaço e viver a cidade que também estão em curso, não só como potência, mas efetivamente acontecendo. Ao conectarem jovens das periferias e suas

pautas identitárias, ao promoverem um encontro numa praça na área central da cidade, o CQD evidencia que, apesar da expansão da periferia desprivilegiada, que cria barreiras à acessibilidade e ao próprio direito à cidade, as/os jovens empobrecidas/os ganham visibilidade e costumam um social esgarçado pelas lógicas hegemônicas de produção do espaço urbano.

Enquanto os homens exercem seus podres poderes  
Índios e padres e bichas, negros e mulheres  
E adolescentes fazem o carnaval  
Queria querer cantar afinado com eles  
Silenciar em respeito ao seu transe, num êxtase  
Ser indecente  
Mas tudo é muito mau.  
(Caetano Veloso – Podres Poderes).

### **Referências**

ALLIBLACK. **Palestra no Curso de Geografia da Unesp** – Presidente Prudente. Realizada em 26 de janeiro de 2021.

ALMEIDA, Silvio de. **Racismo Estrutural** (Coleção Feminismos Plurais). São Paulo: Pólen, 2019.

BERNET, Jaume Trilla. Ciudades Educadoras: bases conceptuales. *In*: ZAINKO, M. A. S. *et al* (Org.). **Ciudades Educadoras**. Curitiba: Ed. da UFPR, 1997. p. 13-34.

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. **Os Jovens e a Cidade**: identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas. Rio de Janeiro: Relime Damurá, 2002.

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. Jovens, Escolas e Cidades: desafios à autonomia e à convivência. **Revista Teias**, v. 12, n. 26, pp. 07-22, set./dez. 2011.

COSTA, Benhur Pinós da. As Geografias das Lutas por Reconhecimentos Sociais: a fenomenologia e o problema da constituição da identidade homossexual no espaço interdito e nas microterritorialidades. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 48, p. 104–136, jul./dez de 2020.

D'ANDREA, Tiaraju. Contribuições para a Definição dos Conceitos Periferia e Sujeitas e Sujeitos Periféricos. **Novos Estudos Cebrap**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 19 – 36, 2020.

DAYRELL, Juarez Tarcisio. A Escola como Espaço Sócio-cultural. *In*: DAYRELL, Juarez Tarcisio. (org.). **Múltiplos Olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996. p. 136-161.

FREITAS, Daniela Silva de. *Slam Resistência: poesia, cidadania e insurgência. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 59, e5915, p. 1- 15, 2020.

hooks, bell. **Anseios: raça, gênero e políticas culturais**. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

LUGONES, María. Colonialidad y género. **Tabula Rasa**. Bogotá - Colombia, No.9: 73-101, julio-diciembre 2008

MASSEY, Doreen. Um Sentido Global do Lugar. *In: ARANTES, A. A. (org.). O Espaço da Diferença*. Campinas: Papirus, 2000. p. 176 – 185.

MENDES, Juliana Timóteo Nazareno; TORRES, Clarisse Cassab. Juventude e seus Territórios Usados: um estudo em Campos dos Goytacazes. *JORNADA INTERNACIONAL DE POLITICAS PUBLICAS*, V, **Anais...**, Maranhão, 2011.

MORETI, Nicole Mieko Takada. **Juventudes na Escola: inter-relações, subjetividades, identidades e formação cidadã**. 212 fl. Dissertação (Programa de Pós Graduação em Geografia – FCT/UNESP). Presidente Prudente, 2020.

PERALVA, Angelina *et al.* O Legado de 2013: coletivos de ativistas e a agenda política Brasileira. *ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS*, 41º, **Anais...** Caxambu-MG, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **O que é: Lugar de Fala?** (Coleção Feminismos Plurais). São Paulo: Pólen, 2019a.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019b.

SALVI, Bruno Fantin. **A Cidade e os Espaços Informais de Educação: contribuições da Batalha do Vale na educação dos jovens de Presidente Prudente**. 91 fl. Monografia (Graduação em Geografia – Bacharelado – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”). Presidente Prudente, 2019.

SANTANA, Izamara Sanfeliz Santos. **Relação entre Geografia Escolar e as Espacialidades produzidas no Cotidiano de Estudantes do Ensino Médio, no Município de Sandovalina-SP**. 88 fl. Monografia (Bacharelado em Geografia – Curso de Geografia da FCT/UNESP). Presidente Prudente, 2019.

SMITH, N. Contornos de uma política espacializada: veículos dos sem-teto e produção da escala geográfica. *In: ARANTES, A. A. (org.). O espaço da diferença*. Campinas: Papirus, 2000. p. 133 – 159.

SOJA, Edwaed. Tercer Espacio: extendiendo el alcance de la imaginación geográfica. *In*: BENACH, N.; ALBET, A. (org). **La Perspectiva Postmoderna de un Geógrafo Radical**. Barcelona: Icaria Editorial, 2010. p. 181-209.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os Conceitos Fundamentais da Pesquisa Sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; GÓES, Eda Maria. **Espaços Fechados e Cidades: insegurança urbana e fragmentação socioespacial**. Presidente Prudente: Editora Unesp, 2013.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Fragmentação Socioespacial e Urbanização Brasileira: escalas, vetores, ritmos, formas e conteúdos**. Projeto Temático Fapesp, 2018.

TURRA NETO, Nécio. Definir Juventude como Ato Político: na confluência entre orientações de tempo, idade e espaço. *In*: CAVALCANTI, L. de S.; CHAVEIRO, E. F.; PIRES, L. M. (org.). **A Cidade e seus Jovens**. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2015. p. 119-136.

ZUSMAN, Perla. La Descripción en Geografía: un método, una trama. **Boletín de Estudios Geográficos**, nº 102, 2014, p. 135-149.

**Contribuição de Autoria / Contribución de autoría**

Nécio Turra Neto: Conceituação, Curadoria de dados, Análise Formal, Obtenção de financiamento, Administração do projeto / supervisão.

Maria Celina Pedroso Alves: Curadoria de dados / Investigação.

**Recebido em 12 de fevereiro de 2022.**

**Aceito em 07 de maio de 2022.**

**Nécio Turra Neto, Maria Celina Pedroso Alves**